



## **DO ESCURINHO DO CINEMA À LUZ DO PENSAR: A SÉTIMA ARTE COMO PROMOTORA DO SABER**

Maciel Rodrigues da Silva; Sandra Sinara Bezerra

*Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC. [braciel@hotmail.com](mailto:braciel@hotmail.com);  
[sinara\\_marinho@hotmail.com](mailto:sinara_marinho@hotmail.com)*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar o cinema e a filosofia em compreensão ampla e, a partir da mesma, estabelecer pontos em comuns para criar um intercruzamento possível para formação de pensadores. Por outro lado, a fim de que esta relação não se torne excessivamente sintética, correndo o risco de ser genérica ou muito obscura aos olhos do leitor, pretendemos tecer algumas considerações básicas acerca dos termos Cinema e Filosofia, auxiliados pela compreensão do termo Educação e Literatura. E, para tanto, nos ateremos a um caminho dos possíveis para desenvolver a questão. Assim, no primeiro momento, buscaremos focar a identidade humana como vocacionado ao pensar. No segundo momento, buscaremos definir a filosofia desde o horizonte do sentido existencial. No terceiro e último momento, tentaremos compreender o cinema como arte portadora dos anseios e pensamentos do homem e como busca pelas questões vitais, empreendida pelo próprio homem estimulado pelo conceito imagem presente no cinema.  
**Palavras-Chave:** Filosofia, Cinema, Formação de pensadores.

### **Introdução**

É comum ouvirmos frase do tipo “minha vida daria um filme”. Igualmente, é comum termos sempre na mente um filme que nos faz recordar momentos especiais de nossa história; na mesma perspectiva, certas produções cinematográficas tornaram-se ícones de tempos e décadas que ajudam a “definir” um período histórico da sociedade. Vale recordar, como exemplo, as produções de Charlie Chaplin, da euforia do cinema nacional, além dos contos infantis tão bem produzidos por *Walt Disney*. O Cinema faz parte da vida humana. Está incrustado em sua maneira de ver, viver, sentir e recriar o mundo que o cerca. O cinema diverte e entretém. Nada mais humano; nada mais divino também, uma vez que o cinema, ao expressar o desejo interno de recriar o criado, exprime a capacidade de transcender sobre suas limitações a ponto de atingir a esfera do sentido que pode dar a tudo que existe.

O Cinema também educa, oferece parâmetros de significância como horizonte a ser aprendido, discutido, compreendido e assumido, introduzindo o indivíduo ao universo literário. O cinema, como fruto do pensar, também instiga à reflexão e pode, por seus amplos recursos e elementos, ser um valioso instrumento de promoção de pensadores dentro e fora da sala de aula. Do escurinho do cinema, portanto, pode-se chegar à clareza das questões humanas.



## O cinema é arte

A origem do cinema, necessariamente, passa pela origem da arte e da técnica. Num ensaio interessante sobre o cinema, Enrique Pulecio Mariño concebe o princípio do cinema em duas “origens”: um primeiro, que é remoto e outro, que é próximo. O primeiro diz respeito à origem da arte nos indícios históricos e arqueológicos que sustentam a preocupação do homem em registrar movimentos. O segundo, considerado como próximo, está relacionado aos avanços técnicos e científicos nos finais do século XIX, como resultado da intervenção do domínio da técnica. Embora prevaleça a segunda sobre a primeira, é importante considerá-la na compreensão do cinema como arte (MARIÑO, 1995, p. 11-12).

## A intervenção da arte sobre a realidade

O que primeiro deve-se considerar é que o cinema é uma arte. Para isso sugere-se o mito da Caverna de Platão<sup>1</sup>, como ilustração deste postulado.

Na sua grande obra “A República”, Platão (1956, p. 287-291) descreveu um grupo de homens que vivem dentro de uma caverna profunda. As suas paredes projetam as sombras de quem se move ao redor do fogo aceso. Em cima, uma pequena fresta deixa passar uma intensa luz do dia, de modo que lhe é dado conhecer as sombras projetadas pelos seres, sua ilustração. Do outro lado, bem distante, em um lugar remoto, estão as essências que são as ideias e parecem grandes blocos de cimento imóveis no rio turbulento. A ideia da mesa é inacessível e seu arquétipo se encontra muito além de nós, fora da caverna, e cujo resplendor conhecemos tão somente pela fresta de luz do sol. A essência das coisas não é acessível a nós, mas ela nos vem através das ideias que podemos ter delas. O Cinema então seria a metáfora desse *devoir*. Ele nos daria uma aproximação da caverna, da condição do homem, uma vez que só projeta as imagens que se encontram fora. Ao falar-nos da maneira de ver a realidade, expõe a limitação humana do conhecimento essencial da realidade. A capacidade de representar a realidade mediante a arte aponta-nos a condição fundamental do cinema.

---

<sup>1</sup> Grande filósofo grego, viveu entre os anos 427 a 347 a.C, Produziu uma quantidade considerável de diálogos filosóficos e fundou a Academia (Primeira Instituição de Ensino Superior do Ocidente) em Atenas. Seus saberes contribuíram para alicerçar a filosofia natural, a ciência e a filosofia ocidental. Destacam-se dentre seus temas a ética, a política, a metafísica e a teoria do conhecimento. Platão fora discípulo de Sócrates desde os vinte anos, por isso transforma-o na personagem central dos seus diálogos, em particular n' *A República*, na *Apologia de Sócrates*, no *Fédon* e no *Cripton*. Nestas obras e ressaltada, sobretudo a sua dimensão moral.



Desde as primeiras manifestações artísticas da humanidade estiveram imbuídas as profundas crenças religiosas. Com o objetivo de preservar intactos os corpos de seus mortos, a arte egípcia, por exemplo, deu origem à pintura e à escultura no uso do embalsamento. Esta não era tão somente uma luta contra o tempo ou da caducidade do homem, o embalsamento para os antigos egípcios satisfazia a necessidade de escapar da corrosão do tempo, de levá-lo à eternidade. A primeira criação artística para os egípcios seria a múmia, estátua que representava o elemento central do rito funerário convertido em arte porque simula a alma do defunto. Essa ideia também pode ser reforçada com a consideração da arte rupestre como a origem mais remota da manifestação artística: o animal que é caçado pelo homem primitivo é previamente pintado sobre a parede da caverna como ato propiciatório para a execução exitosa da caçada. Isso é chamado o ato do pensamento mágico do homem primitivo: a representação sobre uma superfície sucederá inevitavelmente a realidade.

Assim, a questão da imitação do mundo exterior estará relacionada com a intervenção da perspectiva que aquele mesmo objeto exterior lhe convida a imitá-lo. Dessa maneira, compreende-se a ruptura no modo como a arte da pintura sofre do impressionismo sobre o naturalismo. O grande trabalho de representar o mundo exterior sofre a intervenção do artista quando sua perspectiva é sensível aos detalhes que o exterior lhe impressiona. O Cinema terá esse feito.

### **A técnica como meio de intervenção sobre a realidade**

O segundo princípio do cinema está relacionado com os contextos histórico, artístico, político, social e econômico da cultura do dia 27 de dezembro de 1895, dia considerado como data que marca seu nascimento. Os irmãos Lumière ofereceram, desde o salão indiano, a projeção do considerado espetáculo de luzes movimento<sup>2</sup>. Desde esse espetáculo, o mundo jamais foi o mesmo, o homem entrava numa era em que a “visão”, “o ver” entrava em voga, as imagens que antes eram paradas, agora estavam ali sendo projetadas numa tela, ou às vezes apenas em um pano branco, e ali

---

<sup>2</sup> Apesar do consenso em relação ao princípio do cinema pelos irmãos Lumière, alguns teóricos sustentam que a proeza foi resultado de uma série de descobertas ao longo da história: O jogo de sombras cuja projeção sobre as paredes ou telas de linhos na China Antiga; a Câmara Escura e a Lanterna Mágica, que comungam o mesmo princípio projetados respectivamente pelo físico italiano Giambattista Della Porta no século XVI e pelo alemão Athanasius Kirchner no século XVII; Fenacistoscópio é datado em 1832. É um equipamento formado por um disco que possui várias figuras com posições diferentes. Ao girá-lo, as figuras fundam-se entre si dando a ideia do movimento contínuo; Com a ideia semelhante ao fenacistoscópio, surge um outro aparelho chamado de Praxinoscópio aparelho que projeta na tela imagens desenhadas sobre fitas transparentes inventada pelo francês Émile Reynaud em 1877; depois veio o Fuzil fotográfico e o Cronofotografia de Étienne-Jules Marey; e o Cinetoscópio do Norte Americano Tomas Alba Edison que permite o filme perfurado em 1890.



estavam às imagens em movimento, ali estavam pessoas de verdade saindo de uma espécie de caixa mágica. Surgia então o cinema, que em pouco tempo se tornaria uma parte essencial do mundo moderno, que por sua tela perpassariam notícias do mundo e também onde se contariam histórias que antes estavam apenas nos livros, histórias de fantasias, comédias e também algumas que parecem encaixar-se perfeitamente no nosso cotidiano, que poderiam acontecer ou estar acontecendo com qualquer um. Estava aí, o grande potencial de invenção dos irmãos Lumière, que além de uma experiência estética, foi e é usado também como experiência cognitiva.

Com aproximadamente um século de existência, o cinema perpassou e integrou boa parte da história da humanidade contemporânea, fomentou um mundo sedento por imagens em que cada quadro, cada ângulo da câmera é assistido por milhares e milhares de olhos pela tela de televisão, *internet* ou no próprio cinema. Vivemos num mundo da euforia dos *reality shows* como *Big Brother*, *Ídolos*, *The voice* e outros que vêm preencher uma espécie de lacuna, um desejo fetichista no qual o objeto supre este vazio, são as imagens que, no caso da televisão, são usufruídas como mercadoria, segundo Kehl <sup>3</sup> (2004, p. 38). A mídia, como seu significado já diz, é um meio, e cabe a nós direcioná-la e tentar dar-lhe um sentido, ir além do desejo, o olhar por olhar, e problematizá-la.

Neste contexto, poderíamos ousar falar que as obras cinematográficas são algumas exceções neste meio no qual somos bombardeados por imagens, no dia-a-dia, onde quer que estejamos. Na sétima arte, além da experiência estética, existe um fruir em direção ao sujeito, um dizer algo, no caso certas cenas seriam um produtor de significante em que o espectador é afetado onde, neste espaço fora da temporalidade da câmera, nós vivenciamos as aventuras e agruras da personagem, identificamos um fato local que nos soa familiar, ou que até poderia ter acontecido ou acontecer conosco, pois o filme une literatura, a arte de contar histórias com imagens em movimento, e é este jogo de imagens em movimento, sons e cores que gera em nós uma afeição que nos leva a chorar ou a sorrir. No espaço filmico, aonde se desenvolve e acontece à trama, também é onde o espectador encontra seu espaço cognitivo como um agente resignificador de conceitos.

A era “audiovisual” é instalada e o cinema fica sujeito também à análise conceitual e acadêmica, por ser um fenômeno multidimensional, por ter uma função criadora de imagens, de exercer um novo tipo de linguagem e ser algo inteiramente novo e ainda surpreendente. Com o decorrer dos anos o cinema foi inserido nos costumes da sociedade preenchendo a vida do homem moderno com velocidade, tensão e emoção, de tal maneira de fazer cinema, que responde nos filmes

---

<sup>3</sup> Psicanalista, ensaísta, crítica literária, poetisa e cronista brasileira. Em 2010, foi vencedora do Prêmio Jabuti de Literatura na categoria "Educação, Psicologia e Psicanálise" com o livro *O Tempo e o Cão* e recebeu o Prêmio Direitos Humanos do Governo Federal na categoria "Mídia e Direitos Humanos".



aos anseios dos indivíduos submersos em uma coletividade extremamente ansiosa, impulsionou o enraizamento do cinema na sociedade urbana. Desde sua primeira apresentação em 1895, o cinema evoluiu do cinema mudo, que trabalhava apenas com uma combinação de imagens fotográficas móveis, para o cinema hoje conhecido com uma linguagem que se estabelece, além da combinação de imagens em movimento, combina ruídos, de falas e de músicas, levando ao espectador um sentido de uma linguagem nova, na qual, nesses quatro elementos já citados, ele se vê submerso e chamado a experienciar uma realidade até então desconhecida, mas em que se reconhece.

### **A filosofia**

O homem é um ser repleto de questões porque ele vai para além do óbvio. O desconhecido, diante do olhar humano, sempre é um convite a desvelar o que ainda está encoberto. As respostas prontas não lhe dão sentido. A filosofia é o apuramento desta postura instigante do interrogar humano sobre a realidade posta. Ela destina-se a introduzir a atitude de suspeita. O interrogante para todo anunciante. Isto é, para cada afirmação, a filosofia coloca uma interrogação. Não para negar o que se afirma, mas para validar aquilo que se pretende afirmar. Assim, a filosofia, desde seu nascimento, sempre esteve às voltas com a compreensão racional de tudo o que diz respeito ao humano que ao longo do tempo tem buscado incessantemente entender-se e entender o mundo que o cerca. “O *páthos* do espanto não está simplesmente no começo da filosofia, como, por exemplo, o lavar as mãos precede a operação do cirurgião. O espanto carrega a filosofia e impera em seu interior” (HEIDEGGER, 1979, p.21).

A filosofia, nesse sentido, pode ser entendida como atividade de busca permanente empreendida pelo humano, de compreensão racional de si mesmo e do mundo que o cerca. Tal busca se dá mediante o empenho racional que se traduz na reflexão crítica acerca dos fenômenos. O resultado de tal esforço se apresenta na forma conceitual, não dogmática, aberta, portanto, a revisões constantes. Todo ponto de chegada se constitui como ponto de partida para nova reflexão. Não há um fechamento definitivo que obstaculize de uma vez para sempre a possibilidade e legitimidade de uma compreensão diversa. Todavia, essa abertura não implica a aceitação tácita de toda e qualquer afirmação ou negação. A legitimidade da posição assumida mediante reflexão filosófica está na dependência da construção do raciocínio lógico argumentativo, mediante o qual ganha cientificidade. Em Filosofia, o resultado da investigação somente se sustenta como conhecimento válido quando oriundo de um empenho racional que lhe confere universalidade.



Enfim, Filosofia não é um conhecimento meramente abstrato, pois é, na realidade, que encontra as questões fundamentais que lhe servem de objeto de investigação. Sendo assim, a realidade como tal se apresenta como o ponto no qual o filósofo incide seu olhar alçando o voo especulativo na busca da teorização e compreensão lógico-discursiva das questões. Tal compreensão somente ganha legitimidade quando confrontada com a própria realidade, que serve de critério para a validação do ponto de vista filosófico. Portanto, a Filosofia desse modo não se configura como uma abstração sem conteúdo mantém íntima relação com a realidade vivida. A filosofia busca compreender esta mesma realidade na sua totalidade.

### **A filosofia como ação própria do homem**

O homem pensa porque tem a compreensão de sua finitude. Ele chega a isso através dos porquês que circundam sua maneira de lidar com o mundo e, na medida que o realiza, também pergunta sobre si mesmo, sobre sua identidade. O homem pergunta pelo seu próprio ser, quer compreender e ter consciência de si. Mais que isso, o humano quer sempre captar o sentido de tudo: de sua vida, do mundo, dos acontecimentos, psíquicos ou concretos, imanentes ou para além disso. Ou seja, ele é um ser buscador, criador e 'interpretador' de sentidos. Por outro lado, logo se identifica também sua incapacidade de se compreender de modo integral. Seu conhecimento sobre si é limitado, condicionado pela sua própria subjetividade e por seu próprio aparato cognitivo.

Apesar disso, o ser humano vai além de sua finitude e, aquilo que sabe de si, ainda que pretensamente "científico", nunca satisfaz o apetite de sua própria "busca por saber". Battista Mondin antropólogo e filósofo, inspirado em Santo Tomás de Aquino, afirma: “o homem é o ser que realiza as operações do homem” (MONDIN, 1980, p. 38). Embora finito, sua vocação é a universalidade. “O homem é capaz de pensar a imensidão: isso supõe um esforço de transcendência com relação aos limites que o restringem, uma superação da matéria e dos seus condicionamentos” (MONDIN, 1980, p. 38 -39). E, citando Kant, conclui: “o homem é cada ser racional, existe como fim em si” (1980, p. 287.)

Esse emaranhado de problemas ocorre, entre outros, pelo fato de que o homem não se satisfaz com o óbvio. Sendo insatisfeito lança-se, constantemente, em novas experiências a fim de modificar o meio que o circunda. E modificando seu ambiente, modifica-se a si mesmo. A mudança faz parte do ser humano porque ele se refaz continuamente já que ele não nasce pronto. Heráclito de Éfeso ilustra bem essa ideia com sua frase: “nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez o rio já não é o mesmo, nem tampouco o homem”.



## O conceito imagem e suas características

A frase temática deste subtítulo é do filósofo argentino Júlio Cabrera<sup>4</sup> que também titula um de seus livros. Nele, inicialmente, afirma que a filosofia está presente em toda ação humana, inclusive no cinema. A temática transcende uma filosofia contida no cinema como um mero instrumento de metodologia para ensinar filosofia. Ele coloca o “conceito –imagem” como um novo veículo que possui a capacidade de dizer algo sobre os conceitos universais.

Essa ideia não é nova já que o filósofo francês Gilles Deleuze também utilizou, ao tratar o cinema, os conceitos imagem para expor sua teoria. O pensamento, para Deleuze, não decorre de uma simples possibilidade natural, é algo agressivo, ativo, afirmativo. Conseqüentemente o que vai tirar o pensamento de sua imobilidade, de sua “lerdeza” é o encontro com o inesperado, o inusitado, o fora. Tudo aquilo que força o pensamento a pensar. Portanto, o signo seria a instância portadora de problema, a entidade que assumiria a tarefa de violentar o pensamento, de colocá-lo em movimento. “Es el cine um puñetazo”<sup>5</sup> (DELEUZE, 1985. p. 212).

A imagem em si indica um argumento lógico filosófico, porém ele chega ao indivíduo não apenas em forma lógica argumentativa, mas, também em forma de *pathos* numa experiência logophática.<sup>6</sup> Ora, não é do espanto e a admiração que nasce o filósofo? O espanto que toma conta do homem já traz em si uma incômoda busca pelo mistério. Espantados e admirados passamos a questionar. Por que é assim e não de outro jeito? Aquele que se espanta muitas vezes fica assombrado com algo que, para as outras pessoas, é absolutamente normal. Isso é o filósofo: aquele que vê no óbvio algo profundo. Assim afirma Aristóteles:

Foi, com efeito, pela admiração que os homens, assim hoje como no começo, foram levados a filosofar, sendo primeiramente abalados pelas dificuldades mais óbvias, e progredindo em seguida pouco a pouco até resolverem problemas maiores (ARISTÓTELES, 1984, p. 14).

---

<sup>4</sup> Doutor em Filosofia pela Universidad Nacional de Córdoba (Argentina). Professor Titular aposentado do departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Trabalha nas áreas de filosofias da linguagem, éticas negativas, cinema e filosofia e filosofia latino-americana. BRASÍLIA, DF. BRASIL

<sup>5</sup> Traduzido, de forma livre, ficaria como um “soco violento com o punho”. Parece-me interessante manter a expressão em espanhol pela sua carga semântica.

<sup>6</sup> A Logopatia, o termo cunhado por Cabrera, indica razão e afeto entrelaçados no pensamento *como um modo elemento essencial de acesso ao mundo*. Durante boa parte de sua história, a filosofia tematizou a sensibilidade em termos da racionalidade, relegando a primeira ao segundo plano. A razão, a partir dos pensadores lógicos (ou “apáticos”), pode certamente elaborar considerações acerca do afeto (*pathos*); contudo, foram os filósofos “páticos”, a partir do século XIX, que buscaram incluir o *pathos* dentro do *logos* (razão).



O conceito consiste na ideia de que a imagem invoca uma “superpotencialização” da potencialidade já instaurada na obra literária. Ou seja, a imagem intensifica a impressão da realidade. Por isso, o cinema pode trazer ao espectador um conceito filosófico por meio de uma experiência prática. Fazendo com que o conceito-imagem transpareça um problema universal, como faz a filosofia através da palavra escrita.

Quando um diretor realiza um filme, ele constrói o filme através da imagem e, com a escolha das imagens, deverá corresponder a sua ideia (conceito) sobre um problema universal. Dá-se origem a um assunto filosófico. Nessa perspectiva, ao se pensar em medo recordamos o filme do exorcista<sup>7</sup>; ao pensar em alegria, facilmente recordamos os filmes de Chaplin. “O conceitos imagens é simplesmente uma espécie de ‘encaminhamento’ – num sentido heideggeriano – isto é, um ‘pôr-se a caminho’ em uma determinada noção compreensiva”. (CABRERA, 2006, p. 11). Compreende-se que a obtenção do conhecimento transcende a lógica argumentativa. A *logopatia* do conceito - imagem afirma que saber algo é estar aberto, é deixar-se afetar pela imagem que traz um argumento logopático da tela do cinema. Para isso, deve ser capaz de encontrar os símbolos (conceito-imagem) contidos nas imagens do filme para ir em direção o que a estética aponta. Isso supõe um conhecimento dos conceitos universais da filosofia.

Cabrera, para completar, apresenta algumas características do conceito-imagem, a saber: 1) a necessidade de experimentá-lo para ser adequadamente compreendido – por melhor que resumamos um filme, precisamos assisti-lo para entender seu funcionamento conceitual de maneira acurada; 2) a partir do filme, o conceito-imagem provoca no espectador uma resposta emocional, sem a qual não pode ser apreendido plenamente; 3) a pretensão de verdade e universalidade, ainda que o filme parta de um exemplo particular; 4) pode ser encontrado em qualquer parte do filme ou no filme inteiro, mas sempre necessita de um desenvolvimento temporal para sua compreensão; 5) ocorre em nível abstrato ou literal, dependendo da interpretação que lhe for conferida; 6) não é uma categoria estética, isto é, não interessa se o filme é considerado bom ou ruim (pelo espectador ou pela crítica); 7) embora os conceitos-imagem não sejam exclusivos do cinema, são os dispositivos técnicos dessa linguagem artística que permitem aumentar o impacto e a persuasão deles sobre o espectador; 8) as soluções morais, lógicas e epistêmicas do conceito-imagem são abertas e problemáticas, mesmo em filmes de final feliz (CABRERA, 2006).

---

<sup>7</sup> O Exorcista (no original em inglês: *The Exorcist*) é um filme estadunidense de 1973, do gênero terror, realizado por William Friedkin. O roteiro é de William Peter Blatty, baseado em livro homônimo de sua autoria. O filme aborda a possessão demoníaca de uma garota de 12 anos pelo demônio Pazuzu. O livro de Blatty teve inspiração em um exorcismo de um garoto de 14 anos de idade documentado em 1949.



Considerando tudo isso, o cinema pode servir como mola propulsora, como, segundo Deleuze, puñetazo da atividade filosófica, na medida em que possibilita mediante a realidade ficcional posta, causar a afetação necessária que põe em marcha um processo de intelecção da problemática experienciada na trama. Essa dimensão cognitiva do cinema, que vai além do lazer, possibilita uma compreensão do mundo. O cinema possibilita, desse modo, que construamos não um discurso científico ‘limitado’ por proposições verdadeiras ou falsas, mas um discurso filosófico esclarecedor pelo esforço argumentativo. Assim, o cinema, favorecendo o pensar, pensa e, pensando, promove pensadores.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica** (Livro I e II). Trad. Vizenzo Cocco. São Paulo: Abril S.A, 1984.
- BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CABRERA, J. **O cinema pensa: uma introdução à Filosofia através dos filmes**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- COLI, J. **O que é arte**. 15ª Edição. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1995.
- DELEUZE, G. **A imagem – tempo**. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo. Ed. Brasiliense. 2005.
- KEHL, M.R. **Videologias**, São Paulo. Ed. Boitempo, 2004.
- MARIÑO, E. P. **El cine: análisis y estética**, Ministério de Cultura de Colômbia, 1995.
- NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.
- OLIVEIRA, I. A. **Filosofia da educação: reflexões e debates**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PLATÃO. **A República**. 6º ed. Ed. Atena, 1956.
- STAM, R. **A literatura através do cinema – realismo, magia e arte de adaptação**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2001.